



Turismo em comunidades indígenas: pesquisas desenvolvidas em programas de pós-graduação stricto sensu

*Tourism in indigenous communities: researches developed
in stricto sensu postgraduate programs*

Rúbia Elza Martins Sousa¹
Christiane Fabíola Momm²
Camila Benatti³

RESUMO: Este artigo objetivou realizar o levantamento de pesquisas sobre o turismo em comunidades indígenas, a partir da sistematização da produção acadêmica, em nível de pós-graduação *stricto sensu*. Foram delineados quatro objetivos específicos: i) analisar a evolução temporal da produção científica no campo de estudo; ii) levantar os procedimentos metodológicos utilizados nas investigações;

1 Bacharela em Turismo pela Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT. Licenciada em Geografia pela Universidade Paulista – UNIP. Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Professora efetiva do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Dourados. E-mail: rrubiaelza@gmail.com

2 Bacharela em Turismo pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Tecnóloga em Gastronomia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci e Tecnóloga em Processos Gerenciais pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutora em Desenvolvimento Regional pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB com doutorado sanduíche em Geografia Humana, pelo Departamento de Geografia, da Loughborough University (Inglaterra, Reino Unido). E-mail: christifabi@yahoo.com

3 Bacharela em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestra em População, Sociedade e Território pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa - IGOT-UL. Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Pós-doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. E-mail: camila.benatti@uems.br

iii) levantar, nas bases de dados, a quantidade de teses e dissertações desenvolvidas na perspectiva das palavras-chave selecionadas; iv) identificar a procedência geográfica das instituições nas quais os pesquisadores desenvolveram o trabalho de pós-graduação *stricto sensu*. Os dados foram coletados nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. O recorte temporal da pesquisa contemplou 20 anos (1999-2019) e foi utilizada uma combinação de quatro palavras-chave para a coleta de dados: turismo étnico, etnoturismo, turismo indígena e ecoturismo indígena. Nesse sentido, foram coletados 22 trabalhos, sendo 18 dissertações e 04 teses. As áreas que ganharam destaque com maior número de publicações foram a geografia, a antropologia e a sociologia, tendo o turismo apenas duas dissertações publicadas.

Palavras chave: Turismo étnico; Enoturismo; Turismo indígena; Ecoturismo indígena.

ABSTRACT: The objective of this study was to carry out a survey of researches on tourism in indigenous communities, based on the systematization of the academic production at the *stricto sensu* postgraduate level. Four key goals have been defined: i) analyze the temporal evolution of scientific production over time in this field of study; ii) point out the methodological procedures used in the investigations; iii) compile, in databases, the number of theses and dissertations developed in the perspective of the selected keywords; iv) identify the geographical origin of the institutions in which the researchers developed *stricto sensu* postgraduate studies. Data were collected from the following databases: Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations and in the Capes Theses and Dissertations Catalog. The time frame of the research covered 20 years (1999-2019) and a combination of four keywords was used for data collection: ethnic tourism, ethnotourism, indigenous tourism and indigenous ecotourism. In this sense, a total of 22 papers were collected, 18 of which were dissertations and 4 were theses. The areas that gained prominence with the highest number of publications were geography, anthropology and sociology, with tourism having only two published dissertations.

Keywords: Ethnic tourism; Ethnotourism; indigenous tourism; indigenous ecotourism.

1. INTRODUÇÃO

A práxis turística está intimamente relacionada ao deslocamento do ser humano no espaço, deslocamento este que é determinado por conquistas sociais, econômicas e tecnológicas, e que se efetivou por meio da institucionalização do tempo livre. O turismo enquanto um fenômeno social e espacial, se configura como sensível e complexo, por envolver um conjunto de relações que abarcam questões culturais, ambientais, sociais e econômicas, bem como fatores estruturais.

O movimento em territórios estranhos revela que o turismo “pressupõe um desejo, e sua satisfação é a razão de ser do andar” (WAINBERG, 2003, p. 15), pois o turista busca experienciar o novo, conhecer como determinadas culturas agem de formas distintas em relação às suas mesmas necessidades. É nesta perspectiva que a atividade turística tem se desenvolvido e ganhado força junto às comunidades indígenas.

A diversidade cultural, a riqueza biológica, especialmente no que tange à abundância de espécies de fauna e flora existentes em territórios indígenas são importantes elementos de atratividade para o turismo. Entretanto, estes atrativos pertencentes aos territórios integrados ao viver dos povos indígenas têm sido constantemente ameaçados pelas práticas de produção capitalista da sociedade ocidental, em atuação por madeireiros, garimpeiros, indivíduos ligados ao agronegócio e também pelo próprio Estado.

Mesmo diante dessa realidade devastadora, observa-se um movimento de resistência entre as comunidades indígenas, o que fez com que Meliá, um importante jesuíta e antropólogo afirmasse: “Os povos indígenas não estão no fim da história, senão no início de um futuro diferente”. O autor segue, afirmando que: “Se os povos indígenas não existissem, teríamos que inventá-los. Mas não é necessário, eles reinventam-se a cada dia e amanhecem de novo a cada manhã” (MELIÁ, 2015, p. 17).

Desse modo, considerando o potencial do turismo em propiciar impactos negativos e/ou positivos aos territórios indígenas e, portanto, a importância de que pesquisadores investiguem como tal atividade vem se desenvolvendo junto a estas comunidades étnicas, é que esse estudo realizou o levantamento de pesquisas sobre este campo de estudo, a partir da sistematização da produção acadêmica, em nível de pós-graduação *stricto sensu*.

Com vistas a atingir o objetivo geral, foram delineados quatro objetivos específicos, a saber: analisar a evolução temporal da produção científica no campo de estudo no período de 1999 a 2019; levantar os procedimentos metodológicos que vêm sendo utilizados nas investigações; levantar, nas bases de dados, a quantidade de teses e dissertações desenvolvidas na perspectiva das palavras-chave selecionadas; identificar a procedência geográfica das instituições nas quais o pesquisador desenvolveu o trabalho de pós-graduação *stricto sensu*.

Este estudo se configurou como exploratório e a seguir será apresentado o escopo teórico, o percurso metodológico traçado, as discussões dos resultados encontrados, bem como os aspectos conclusivos e encaminhamentos para estudos futuros.

2. TURISMO EM COMUNIDADES INDÍGENAS: UMA ABORDAGEM TERRITORIAL

O que difere uma localidade da outra? Esse questionamento que, num primeiro momento, parece vago, ganha contornos claros e precisos quando se trata de refletir sobre a atividade turística. O turismo enquanto um fenômeno que envolve o deslocamento, se dá, em grande medida, em função da necessidade dos turistas de vislumbrar a diferença e de mergulhar em novas experiências.

Faria (2012), ao refletir sobre estas questões, afirma que a distinção entre as localidades ocorre em função das formas de ocupação, bem como dos sujeitos envolvidos nesse processo, pois estes transformam o espaço de acordo com seus costumes, valores, tradições, ou seja, conforme a cultura. Assim sendo, mesmo ante aos efeitos da modernização avassaladora que impõe sua geometria simétrica sobre os territórios, a cultura se apresenta, em certa medida, como um entrave a esse movimento, pois é responsável por conceber as territorialidades, engendrando identidades singulares que se revelam como um impulso de resistência humana à manutenção das particularidades do local.

Diante da diversidade cultural que atravessa os mais variados territórios, o turismo se apresenta como uma atividade típica da sociedade capitalista pós-Revolução Industrial (FRATUCCI, 2000) que se apropria do território e da cultura, transformando-os em produto a ser comercializado àqueles que anseiam conhecer o novo, vivenciar o lugar do outro, num encontro de alteridades.

Nessa lógica de apropriação e (re)ordenamento do território pelo turismo, Knafou (2001) aponta três perspectivas para análise, afirmando que existem: territórios sem turismo; turismo sem território; e territórios turísticos. Especificamente o “turismo sem território” revela como esta atividade pode se desenvolver de maneira deslocada do seu entorno, prática esta que vem se configurando como uma tendência de expansão territorial que ganha força no mundo contemporâneo.

Tal tendência é capitaneada, sobretudo, pelo avanço tecnológico, que permite a criação de ambientes fora de contexto, a exemplo dos resorts, considerados por Rodrigues (1999), como “expressão de não-lugares”. Diante dessa realidade, Faria (2012), considera que os impactos do turismo sobre as comunidades podem acontecer de duas maneiras: indesejável, quando ignora a identidade étnica e territorial, despersonalizando o lugar; 2) desejável, quando a cultura e a identidade do território são consideradas fontes primordiais, capazes de promover um intercâmbio de conhecimentos.

A segunda maneira se mostra como propulsora de impactos positivos, e é assentada sob a perspectiva de que o turismo em comunidades indígenas deve se desenvolver, promovendo uma práxis turística que leve em conta a inclusão da gestão do conhecimento e do território nas ações de planejamento e ordenamento da atividade.

No Brasil, as iniciativas de desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas se intensificaram a partir da década de 1990, no entanto, a possibilidade de desenvolver esta atividade em terras indígenas, do ponto de vista político-institucional, se deu em 2012, com a aprovação da Política Nacional de Gestão Ambiental Territorial Indígena (PNGATI). Amparado pelo Decreto Nº 7.747 de 5 de julho de 2012 (BRASIL, 2012) é possível, de forma legal:

[...] apoiar iniciativas indígenas sustentáveis de etnoturismo e de ecoturismo, respeitada a decisão da comunidade e a diversidade dos povos indígenas, promovendo-se, quando couber, estudos prévios, diagnósticos de impactos socioambientais e a capacitação das comunidades indígenas para a gestão dessas atividades (BRASIL, 2012).

Três anos após a promulgação desta Lei, a Fundação Nacional do Índio – FUNAI – por meio da Instrução Normativa Nº 3, estabeleceu normas e diretrizes voltadas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas. Muito embora nos documentos mencionados tenham sido apontadas apenas as segmentações de ecoturismo e etnoturismo, quando se trata do turismo em comunidades indígenas existem outros termos para denominar tal atividade, dentre eles: turismo indígena, ecoturismo indígena, turismo étnico, etnoturismo.

De acordo com autores que trabalham com o turismo em comunidades indígenas (FARIA, 2005, 2008; HINCH, HALL e WILLIAMS, 2007; GONZÁLEZ, 2008; JESUS, 2012; SANTOS, CARVALHO e DOS ANJOS, 2021), todas as segmentações apresentam a cultura e a identidade das comunidades como elemento de atratividade. Ademais, o turismo é considerado como alternativa de renda e instrumento de reconhecimento, valorização e divulgação da cultura indígena.

Dessa forma, reconhecendo as vulnerabilidades a que esses povos estão expostos com o desenvolvimento do turismo, grupos de pesquisadores e ONGs têm auxiliado as comunidades no processo de planejamento da atividade turística. Tais iniciativas se baseiam (devem se basear) nos princípios do planejamento participativo que, por sua vez, se desdobra em um processo socioeducativo (FAXINA e FREITAS, 2021), a exemplo do que ocorreu na comunidade indígena Nova Esperança/AM (PROENÇA, PANOSSO NETO, 2022), na Terra Indígena Jaquiri – Médio Solimões/AM (ROSA, ROSA, e NASSAR, 2020), na Terra Indígena Sete de Setembro – Cacoal/RO (LEANDRO, 2011), e em comunidades localizadas na região do Rio Negro/AM (FARIA, 2008).

O desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas, deve se originar de um processo de organização endógena que, portanto, considere as especificidades territoriais ligadas à cultura, à religiosidade, à ancestralidade e aos aspectos do ambiente natural, utilizando instrumentos, metodologias e ações de planejamento que tenham como premissa a participação dos indígenas como protagonistas. Estes devem ser os responsáveis por decidir as atividades que oferecerão, bem como os limites que deverão ser impostos aos turistas, com vistas a conservar a privacidade de aspectos do cotidiano e/ou de frações do território.

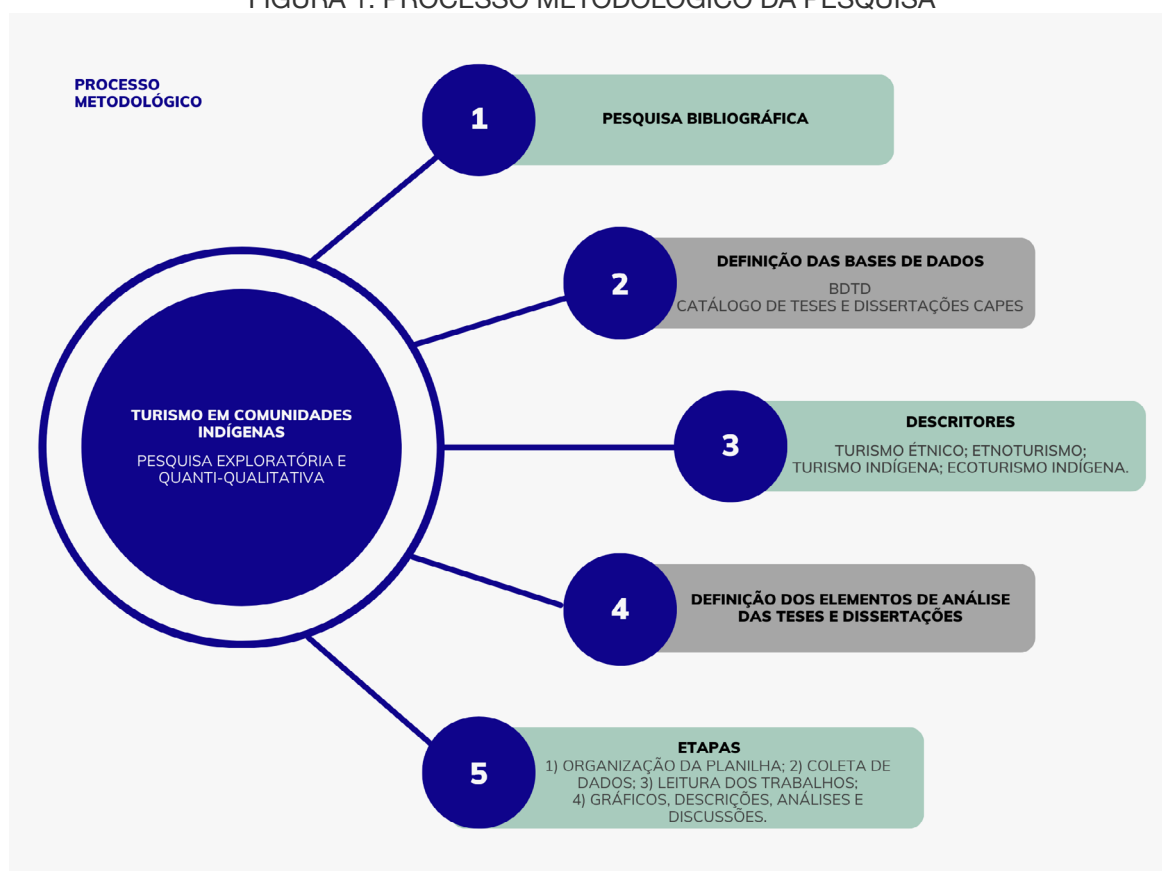
Diante das reflexões teóricas apresentadas, o texto se encaminhará para a apresentação dos procedimentos metodológicos, em que será explicitado o percurso traçado no processo de coleta e análise dos dados.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa se desenvolveu a partir de uma abordagem quanti-qualitativa e exploratória. A abordagem quanti-qualitativa permite “uma visualização ampla do problema investigado” (SOUZA e KERBAUY, 2017, p.38). Os estudos exploratórios visam proporcionar maior familiaridade com um campo de estudos específico, o que se alinha à proposta da investigação em tela (GIL, 2009).

Sob a premissa de que a etapa metodológica é processual e que possui como papel a construção do objeto, este trabalho assume um aspecto flexível, em que as abordagens quantitativas e qualitativas tratam de fenômenos reais, atribuindo sentido concreto aos seus dados (SOUZA e KERBAUY, 2017, p.35). Portanto, para uma melhor compreensão do processo metodológico desta pesquisa, as suas etapas foram definidas de acordo com a Figura 1.

FIGURA 1. PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA



FONTE: Elaboração própria (2023).

Conforme exposto (Figura 1), para subsidiar este estudo utilizou-se a pesquisa bibliográfica, de modo que foi feito o levantamento de material em livros, artigos científicos, teses e dissertações que tratam sobre questões pertinentes a este estudo. Para fins de descrição e análise, o corpus do estudo está alicerçado nas dissertações e teses, defendidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* de universidades brasileiras.

Desse modo, utilizou-se como fonte, para o levantamento de dados, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essas plataformas foram escolhidas, pois são bancos de dados confiáveis que agregam trabalhos acadêmicos em nível de pós-graduação *stricto sensu* recebidos diretamente dos Programas de Pós-Graduação das instituições de ensino superior nacionais.

Para a realização das buscas nas bases de dados supracitadas foi utilizada a combinação dos quatro descritores apresentados na Figura 1, etapa 3. Ademais, como critério para a seleção do material, foi estabelecido um recorte temporal de vinte anos, contemplando o período entre os anos de 1999 e 2019. Esse recorte se justifica, pois em 1999 foi defendida e publicada, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a tese de doutorado de Rodrigo de Azeredo Grünwald, pesquisa considerada referência para este campo de estudos.

As dissertações e teses foram analisadas com base nos seguintes elementos: a) ano de publicação; b) procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa; c) quantidade de dissertações e teses desenvolvidas na perspectiva das palavras-chave selecionadas; d) procedência geográfica das instituições nas quais os pesquisadores desenvolveram suas pesquisas; e) gênero dos autores.

Para o ordenamento das ações desenvolvidas foram realizadas etapas diferentes e complementares, de acordo com a etapa 5 apresentada na Figura 1, sendo: 1) organização da planilha (utilizando o editor Google Planilhas), onde os dados foram inseridos. Essa planilha possui nove colunas, em que foram inseridas as seguintes informações: nome do autor, título do trabalho, palavras-chave, metodologia, local onde o trabalho foi publicado, ano de publicação, nível da pesquisa (mestrado ou doutorado), gênero do autor, área do conhecimento, instituição de ensino superior em que a pesquisa foi desenvolvida, título do programa de pós-graduação *stricto sensu*, nome do orientador; 2) coleta de dados junto às bases selecionadas, e, posteriormente, foram extraídas as informações das dissertações e teses coletadas e, subsequentemente, inseridas na planilha; 3) leitura de alguns trabalhos que não continham informações claras sobre a metodologia utilizada na construção da pesquisa; 4) por fim, com todos os dados devidamente sistematizados e organizados na planilha, os gráficos foram gerados e feitas as descrições, as reflexões e as análises dos dados coletados.

Assim, a metodologia adotada nesta pesquisa possibilitou a compreensão e descrição do tema investigado, uma vez que a coleta de dados permitiu o levantamento de informações de maneira que foi possível atingir os objetivos propostos, conforme discutido no tópico a seguir.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste artigo, realizou-se o levantamento de pesquisas sobre o desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas, a partir da sistematização da produção acadêmica, em nível de pós-graduação *stricto sensu*. Assim sendo, foram encontrados 22 registros, sendo 18 dissertações e 04 teses.

Ao considerar que o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES se configura como uma plataforma que coleta e armazena dados de todas as pesquisas defendidas em programas de pós-graduação do Brasil desde 1987 (CAPES, s/d); que a BDTD integra os sistemas de informações das dissertações e teses desenvolvidas nas universidades brasileiras; bem como que o recorte temporal contempla uma janela de 20 anos, compreende-se que o número de trabalhos encontrados mostra-se diminuto. Assim sendo, infere-se que esse seja um tema “marginal” nos estudos do turismo.

Comprovando tal inferência, tem-se o seguinte dado: do universo de trabalhos coletados, apenas dois foram desenvolvidos em programas de pós-graduação *stricto sensu* de turismo. Diante dessa constatação, levanta-se como hipótese que tal fato possa ser explicado, dentre outros motivos, pelo reduzido número de programas de pós-graduação em turismo no Brasil, bem como porquê 75% destes tiveram o seu início entre os anos de 2012 e 2020, ou seja, são recentes em relação à outras áreas consolidadas.

No que tange à oferta formativa brasileira de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, Pimentel, Pimentel e Carvalho (2020), apontam que a trajetória é marcada por três fases distintas, a saber: o momento inicial (1997-2005) é representado por um movimento lento de criação dos cursos; o segundo momento (2006-2015) se caracteriza pela expansão quantitativa; e a terceira fase é marcada pela retração do surgimento de novos cursos. O percurso traçado pelos autores está evidenciado no Quadro 1.

QUADRO 1. PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO NO BRASIL

Nível	Programa	Universidade	Ano de criação
Mestrado Acadêmico	Mestrado em Turismo e Hotelaria	Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI	1997
	Mestrado em Turismo e Hospitalidade	Universidade de Caxias do Sul - UCS	2001
	Mestrado em Hospitalidade	Universidade Anhembi Morumbi	2002
	Mestrado em Turismo	Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN	2008
	Mestrado em Turismo	Universidade Federal do Paraná - UFPR	2013
	Mestrado em Turismo	Universidade de São Paulo - USP	2014
	Mestrado em Turismo	Universidade Federal Fluminense - UFF	2015
	Mestrado em Hotelaria e Turismo	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	2017
	Mestrado em Turismo e Patrimônio	Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP	2020
Mestrado Profissional	Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos	Universidade Estadual do Ceará - UECE	2012
	Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO	2016
Doutorado	Doutorado em Turismo e Hotelaria	Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI	2013
	Doutorado em Turismo	Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN	2014
	Doutorado em Turismo e Hospitalidade	Universidade de Caxias do Sul - UCS	2015
	Doutorado em Hospitalidade	Universidade Anhembi Morumbi	2015
	Doutorado em Turismo	Universidade de São Paulo	2019

FONTE: Elaboração própria (2022).

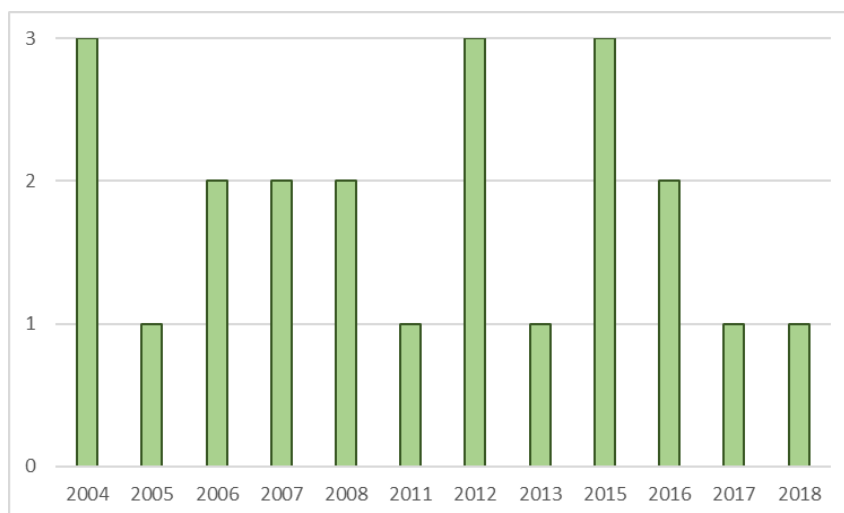
Os dois trabalhos defendidos em programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo são pesquisas de mestrado, desenvolvidas na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Para tanto, o fato de que não há tese de doutorado defendida com o tema pode ser explicado devido aos cursos de doutorado em turismo serem ainda mais recentes que os de mestrado.

Para além do fato de que os programas de pós-graduação em turismo sejam recentes, outra questão que se apresenta como relevante para a compreensão deste cenário é que, no campo científico, os estudos acerca do turismo em comunidades indígenas se originaram no seio da antropologia, no início na década de 1970, enquanto que no turismo, ganhou espaço vinte anos mais tarde (1990), por meio do estudo da relação entre as comunidades indígenas, as áreas protegidas e o ecoturismo (BRANDÃO, BARBIERI, REYES JUNIOR e MOURA, 2013).

A antropologia, a geografia e a sociologia, são áreas do conhecimento que se ocupam em estudar as comunidades tradicionais e sua relação com o território, com a cultura, com a política, com o meio ambiente natural, de modo que o turismo, enquanto uma atividade transversal e potencial geradora de impactos a estas comunidades, ganhou espaço nas agendas de pesquisa destas ciências. A este respeito, ao analisar os dados levantados na pesquisa em tela, identificou-se que dos 22 trabalhos, 06 são oriundos da geografia, 04 da antropologia e 03 da sociologia.

A partir dos dados coletados foi possível observar a evolução temporal da produção científica desenvolvida nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, conforme apresentado no Gráfico 1.

GRÁFICO 1. EVOLUÇÃO TEMPORAL DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO PERÍODO DE 1999 A 2019



FONTE: Elaboração própria com base nos dados coletados (2022).

Especificamente os anos de 2012 e 2015 foram relevantes para a discussão do turismo em comunidades indígenas, dada a publicação de marcos legais, sendo a Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial Indígena (2012) e a Instrução 03 de 2015, publicada pela FUNAI. No entanto, observa-se que estes marcos legais não reverberaram no aumento de publicação de pesquisas com a temática, visto que nos anos subsequentes o número de publicações sofreu decréscimo.

Outra informação levantada nas dissertações e teses coletadas diz respeito aos procedimentos metodológicos utilizados nas produções, conforme apresentado no Quadro 2:

QUADRO 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS PESQUISADAS NO PERÍODO DE 1999 A 2019

Procedimentos metodológicos	Dissertações	Teses
Pesquisa bibliográfica	12	4
Pesquisa documental	4	1
Pesquisa de campo	9	2
Pesquisa participante	2	1
Pesquisa-ação	1	1
Pesquisa etnográfica	2	2
Estudo de caso	2	0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados coletados (2022).

As informações coletadas demonstraram que foram associados mais de um procedimento metodológico para o desenvolvimento de uma mesma produção científica. Das 18 dissertações de mestrado, somente em duas foi mencionada a utilização de um único procedimento metodológico, sendo: uma pesquisa etnográfica e a outra pesquisa participante. As demais dissertações tiveram mais de um procedimento metodológico associado.

No que se refere às quatro teses, todas utilizaram-se de pelo menos dois procedimentos. Em todas as teses foram identificadas a pesquisa bibliográfica, sendo que destas, duas também foram pautadas em pesquisa etnográfica e outras duas também fizeram menção à pesquisa de campo. Em uma destas últimas ainda foi associada a pesquisa-ação, pesquisa participante e a outra associou pesquisa documental.

Da totalidade dos trabalhos coletados, dois deles não apresentavam descrição da metodologia – infere-se que, possivelmente, sejam trabalhos de cunho etnográfico - de modo que foi necessário fazer a leitura do texto para identificar os procedimentos metodológicos. Entende-se que a descrição detalhada do percurso metodológico de uma pesquisa, sobretudo, as desenvolvidas a nível de mestrado e doutorado, é de suma importância, pois revela ao leitor as escolhas do autor para o levantamento de informações teóricas e empíricas e, por conseguinte, o caminho trilhado para atingir os objetivos propostos para o estudo.

A pesquisa de campo se destacou como recurso metodológico utilizado na elaboração das dissertações e teses e este dado corrobora o que Santos e Sousa (2022) identificaram ao realizar o levantamento dos artigos científicos publicados com

a temática turismo em comunidades indígenas, entre os anos 1999 e 2019. Dos 61 artigos coletados, a pesquisa de campo foi utilizada em 38 deles (53,25%).

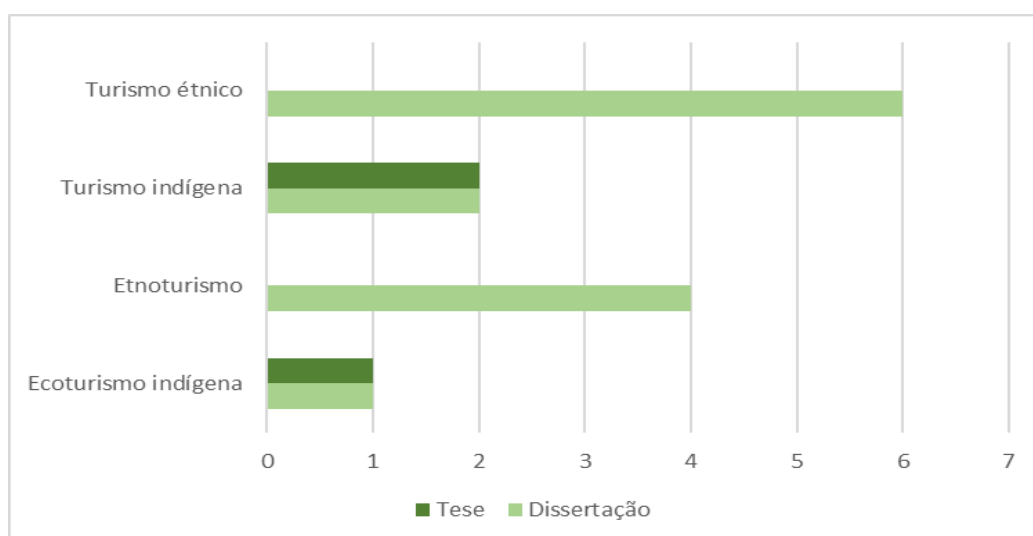
A similitude encontrada nas duas pesquisas pode ser explicada pelo fato de que parte significativa dos artigos científicos são desdobramentos das dissertações e teses. Ademais, a pesquisa de campo mostra-se apropriada para os estudos que têm como foco as comunidades indígenas, por proporcionar ao pesquisador a oportunidade de estar junto e dialogar com as pessoas, além de observar os fenômenos onde eles se processam.

Como mencionado, dos 22 trabalhos coletados, 13 foram desenvolvidos no âmbito de programas de pós-graduação *stricto sensu* em geografia, em antropologia e em ciências sociais. Esta informação auxilia na compreensão do destaque da pesquisa de campo no universo dos registros coletados, pois nestas áreas do conhecimento valoriza-se o contato com os interlocutores e com o meio como forma de aproximar o pesquisador ao universo da pesquisa.

Especificamente na geografia (área com o maior número de registros), a pesquisa de campo se destaca, pois, como Surtegaray (2002, p. 4) menciona, é um instrumento de análise “[...] que permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo”.

Na perspectiva das palavras-chave escolhidas para o levantamento dos dados, o total de dissertações e teses que utilizaram os termos selecionados pode ser observado no Gráfico 2.

GRÁFICO 2. TERMOS SELECIONADOS NO CAMPO ‘PALAVRAS-CHAVE’ NAS DISSERTAÇÕES E TESES



FONTE: Elaboração própria com base nos dados coletados (2022).

Da totalidade de trabalhos coletados, 16 autores utilizaram um dos termos como palavras-chave, enquanto que outros seis não os empregaram. Entre os que não utilizaram tais termos, cinco optaram por utilizá-los apenas no título, sendo que, desse número, quatro utilizaram “turismo étnico” e um “etnoturismo”.

Dentre os termos selecionados para fins de recuperação da informação no contexto desse estudo, observa-se o destaque para o “turismo étnico”, tanto entre os trabalhos em que aparece como palavra-chave, como entre os que utilizaram apenas na composição do título. O termo “etnoturismo” aparece como o segundo mais utilizado como palavra-chave.

Esse destaque se deve ao fato de que o turismo étnico, bem como o etnoturismo, de acordo com o Ministério do Turismo (2010, p. 20), “Constitui-se de atividades envolvendo a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos”, ou seja, não abarca apenas comunidades indígenas, mas também aquelas representativas dos processos migratórios europeus, asiáticos, africanos, como as comunidades quilombolas, os pomeranos, bem como outros grupos que conservam seu legado étnico.

Deste modo, ao detalhar as informações, encontrou-se o seguinte panorama: dos seis trabalhos que apresentaram o termo “turismo étnico” como palavra-chave, identificou-se que três tratavam, especificamente, de comunidades indígenas e os outros três abordavam questões ligadas a uma comunidade árabe, ao turismo afro e ao turismo em comunidades quilombolas. Entretanto, todos os trabalhos em que o termo “etnoturismo” foi empregado como palavra-chave, tratavam especificamente do desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas.

Um aspecto que pode explicar a situação relacionada aos termos que os autores utilizaram como palavras-chave é que quando um autor “faz a submissão de sua tese ou dissertação em um repositório institucional, ele faz uso de uma linguagem natural, sem o uso de instrumentos de controle vocabular” (FREITAS, 2019, p. 31) para definir as palavras-chave que representarão o conteúdo da tese ou dissertação desenvolvida.

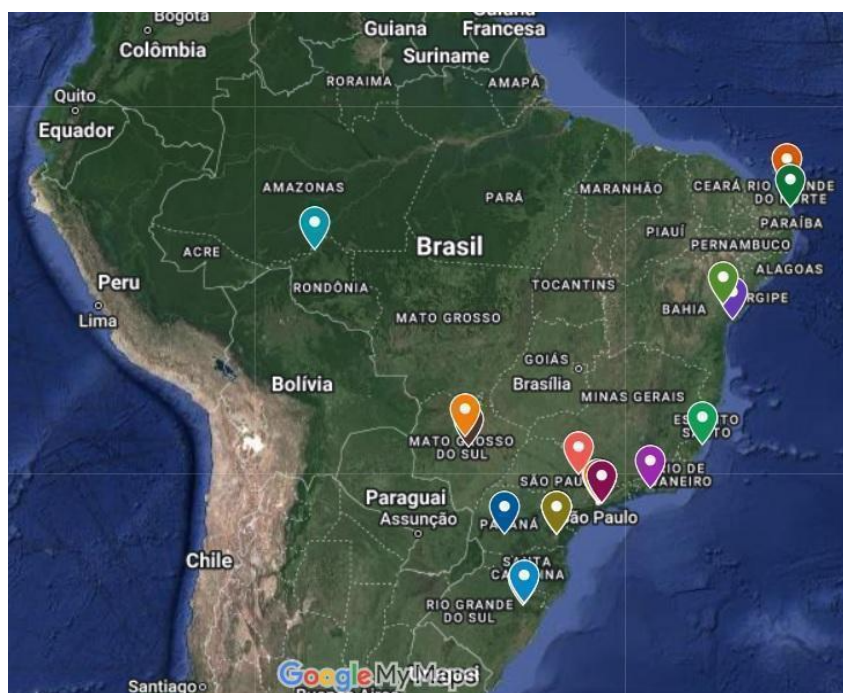
Nesse sentido, como não há um controle no momento da indexação, ou seja, da seleção das palavras-chave para que a informação possa ser recuperada posteriormente, ocorrem inconsistências no processo de seleção de palavras-chave para buscar, pesquisar e/ou recuperar a informação desejada nas bases de dados. Essas inconsistências podem ser ocasionadas pelo denominado “autoarquivamento”, que ocorre quando o autor preenche os metadados, recurso que é utilizado na organização de bibliotecas/repositórios digitais, no momento da indexação, pois, ele pode não saber sobre as técnicas documentárias de tratamento da informação (controle vocabular) e, dessa forma, o autoarquivamento impacta negativamente na qualidade da representação temática e na recuperação da informação desejada.

Assim, um dos principais problemas “é a não observância, por parte dos autores, da importância do processo de indexação para a recuperação da informação e o fato deles indexarem para si mesmos e não para uma comunidade” (MEDEIROS, 2010, p. 56),

resultando assim, em dificuldades para que outro pesquisador possa encontrar ou recuperar a informação que almeja. Talvez isso possa justificar os resultados obtidos.

Ainda dentre os objetivos propostos para este estudo, julgou-se pertinente identificar a localização das instituições de ensino superior nas quais os pesquisadores desenvolveram as pesquisas, com vistas a visualizar a espacialização geográfica de tais instituições em território brasileiro, conforme observado na Figura 2.

FIGURA 2. LOCALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* PESQUISADOS



FONTE: Elaboração própria (2022).

Os programas de pós-graduação *stricto sensu* que produziram dissertações e teses sobre a temática vêm colocando no mapa outras regiões do país, além das capitais da região Sudeste do Brasil. Sabe-se que a instituição da educação superior no país foi parte do plano de D. João VI, logo após a chegada e estabelecimento da família real portuguesa no Brasil. Com o passar do tempo, por meio de alguns marcos históricos (Primeira República, Era Vargas, Período Militar), além das transformações na economia e no desenvolvimento do país, o ensino superior e o campo da ciência e da tecnologia foram se desenvolvendo. E, “aos poucos a interiorização do ensino superior se inicia para dar conta das demandas provenientes das regiões que não tiveram o mesmo destaque que os grandes centros” (MOMM, 2017, p. 132).

É possível perceber na Figura 2, que há uma maior dispersão territorial em termos regionais, para programas de pós-graduação *stricto sensu* que não estão localizados na faixa litorânea do país. Esse pode ser um indicativo importante para o desenvolvimento de futuras pesquisas sobre a temática, especialmente porque regiões como o Centro-Oeste e o Norte do Brasil concentram maior número de terras indígenas (BRASIL, s/d).

Quanto maior a abrangência e o alcance territorial de estudos e pesquisas sobre a temática, maior será a chance de identificar geograficamente novos territórios que merecem a atenção por parte da comunidade acadêmica, do poder público e da sociedade.

No que tange à concentração no número de dissertações e teses produzidas por estados da federação, no Quadro 3 é possível visualizar aqueles que se destacaram no período de 1999 a 2019.

QUADRO 3. PRODUÇÃO CIENTÍFICA (DISSERTAÇÕES E TESES) SOBRE A TEMÁTICA DA PESQUISA, POR ESTADO DA FEDERAÇÃO

Estado	Universidade	Quantitativo de teses	Quantitativo de dissertações
São Paulo	USP	2	1
	UFSCAR	0	1
	UFABC	0	1
	ESAUQ/USP	0	1
	Fundação Getúlio Vargas	0	1
Rio de Janeiro	UFRRJ	0	1
Espírito Santo	UFES	0	1
Bahia	UFBA	0	1
	UFRB	0	1
Paraíba	UFPB	0	1
Rio Grande do Norte	UFRN	1	0
Rio Grande do Sul	UCS	0	1
Paraná	UFPR	1	2
	UNICENTRO	0	1
Mato Grosso do Sul	Universidade Católica Dom Bosco	0	1
	UFMS	0	2
Rondônia	UNIR	0	1

FONTE: Elaboração própria com base nos dados coletados (2023).

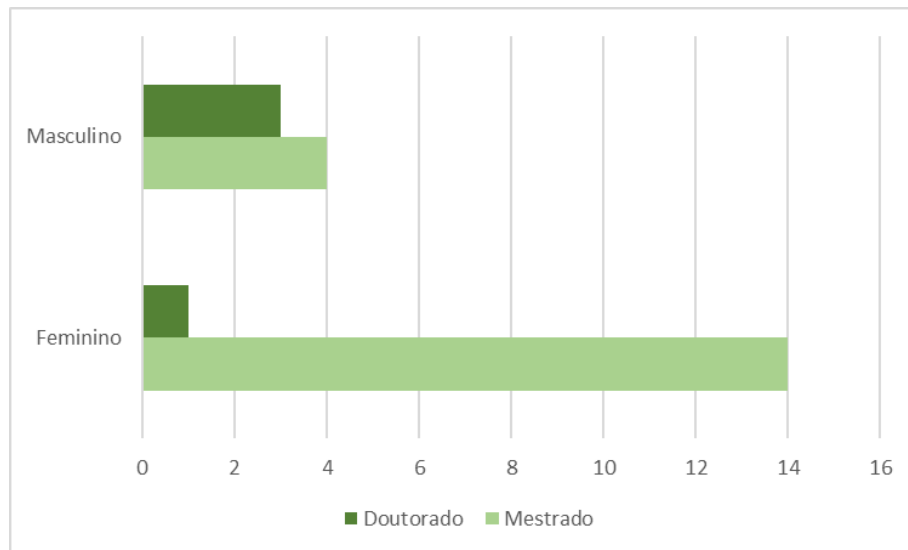
Reafirmando a proeminência da região Sudeste quanto à concentração do maior número de programas pós graduação *stricto sensu* no Brasil, identificou-se que o maior quantitativo de produções advém desta região, com destaque para o estado de São Paulo, seguida pela região Nordeste, Sul, sobressaindo-se o estado do Paraná, e região Centro-Oeste, destacando o estado de Mato Grosso do Sul, e, por fim, a região Norte.

Quanto aos orientadores dos trabalhos que compõem a base de dados da pesquisa, identificou-se cinco nomes relevantes na produção do conhecimento em turismo, sendo eles: Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues (Geografia-USP); Miguel Bahl (Turismo-UFPR); Álvaro Banducci Jr (Antropologia-UFMS); Edvaldo César Moretti (Geografia-UFMG); Susana Gastal (Turismo-UCS). Desses nomes, com exceção de Susana Gastal, todos possuem a formação, ou parte dela, em geografia, e atuam/ atuavam em programas de pós-graduação nesta área, fato que explicita a importância desta ciência na produção de pesquisas que abarcam o desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas.

Maranhão e Azevedo (2019), ao desenvolverem pesquisa acerca da representatividade da temática do turismo nas pesquisas de pós-graduação *stricto sensu* em geografia no Brasil, apontam que, à época da pesquisa (2016), haviam 65 programas brasileiros de pós-graduação em geografia, sendo que, desse número, 44 contavam com pesquisas sobre turismo, totalizando 814 estudos (641 dissertações e 173 teses). Dessa forma, estando a práxis turística intimamente vinculada à dinâmica do espaço, em seus fixos e fluxos, os pesquisadores da ciência geográfica sentem-se atraídos por temas que envolvem o turismo.

Ainda em relação aos dados coletados, foi possível observar o gênero dos autores das dissertações e teses sobre a temática, conforme pode ser observado no Gráfico 3.

GRÁFICO 3. GÊNERO DOS AUTORES



FONTE: Elaboração própria com base nos dados coletados (2023).

De acordo com Li e Xu (2015), estudos demonstram que as mulheres estão ganhando espaço no ambiente de pesquisa acadêmica e isso pode ser observado no significativo destaque para as mulheres em relação aos homens, quanto ao quantitativo de dissertações produzidas. Outro ponto importante, pode ser o reflexo de um grande esforço do governo federal brasileiro, nos anos de 1980 e 1990, em financiar os programas de formação de recursos humanos para atuar nas universidades, já que havia maior demanda de mulheres no meio acadêmico (LETA, 2003).

Dessa forma, diante do conjunto de informações coletadas foi possível apresentar o panorama geral das pesquisas em nível de mestrado e doutorado, que trataram sobre o turismo em comunidades indígenas. Considera-se que mesmo que esse tema apresente frentes de pesquisa relevantes para as áreas das ciências humanas e sociais, há um número reduzido de pesquisadores (nos programas de pós-graduação *stricto sensu*) que têm se dedicado a estudar esta temática, o que, por sua vez, revela que há um vasto campo de possibilidades de pesquisas junto a estas comunidades étnicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo realizou o levantamento de pesquisas sobre o desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas, a partir da sistematização da produção acadêmica, em nível de pós-graduação *stricto sensu* no recorte temporal de 1999 a 2019. Desse modo, foram encontrados 22 registros, sendo 18 dissertações de mestrado e 04 teses de doutorado.

Especificamente em programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, foram publicadas apenas duas dissertações, de modo que as áreas que ganharam destaque com maior número de publicações foram a geografia, a antropologia e a sociologia.

Apesar do fato de que a atividade turística vem ganhando força nos territórios indígenas, observa-se que esse tema tem despertado pouco interesse de pesquisadores do campo do turismo e de áreas afins. Fato é que, ao analisar a evolução temporal das pesquisas, não se identificou um movimento crescente, nem constâncias no número de publicações, mas oscilações, demonstrando que não há uma dinâmica de consolidação da temática na academia, questão que merece investigação aprofundada com a finalidade de se buscar a compreensão do(s) porquê(s) deste cenário.

O turismo, enquanto uma área multidisciplinar, bebe das fontes teóricas de outras áreas do conhecimento, ligadas, principalmente, às ciências humanas e às ciências sociais aplicadas, de maneira que os procedimentos metodológicos que vêm sendo empregados nas pesquisas com a temática indígena, são amplamente utilizados em tais campos do saber, com destaque para a pesquisa de campo.

Outro aspecto importante a considerar, trata da ausência de uma padronização dos resumos das dissertações e teses disponíveis e coletadas. O fato de não haver uma padronização na redação dos resumos impactou no tempo de recuperação das informações para estruturar a base de dados da pesquisa, visto que em alguns casos, os procedimentos metodológicos não haviam sido mencionados no corpo do resumo e algumas dissertações e teses não apresentavam, nas palavras-chave, os termos definidos para busca nesta pesquisa.

Portanto, considera-se esse um fator de limitação do presente estudo, na medida em que, possivelmente, algumas investigações sobre a temática não tenham aparecido nos registros e, portanto, não constem nos resultados analisados.

Quanto às palavras-chave selecionadas para análise nesse estudo, observou-se que dos 22 registros encontrados, 16 autores utilizaram os termos/descriptores para representar o conteúdo das dissertações e teses. Uma das justificativas para tal situação pode ter sido o fato de que os autores fizeram uso de linguagem natural para selecionar as palavras-chave e indexá-las nas bases de dados. Desse modo, não houve o uso de instrumento de controle vocabular no momento da indexação nas bases, resultando no chamado “autoarquivamento”.

Ao observar a localização das universidades em que as pesquisas foram desenvolvidas, identificou-se que as regiões Centro-Oeste e Norte aparecem no mapa, no entanto, com pouca representatividade no quantitativo de pesquisas desenvolvidas. Deste modo, reconhecendo a potencialidade para o desenvolvimento da atividade turística junto a comunidades indígenas em ambas as regiões, bem como o fato de que existem localidades em que o turismo já adentrou a estes territórios, questiona-se: por que os estudos que tratam sobre o turismo em comunidades indígenas mostram-se tão escassos nessas regiões? Os programas de pós-graduação

stricto sensu localizados nestas regiões possuem linhas de pesquisa que acolham trabalhos com essa temática? Nestes programas há pesquisadores com *know how* para orientar trabalhos com essa temática? Seriam as comunidades indígenas dessas regiões mais restritivas quanto à presença de turistas e pesquisadores?

A pesquisa também revelou que, no universo de trabalhos levantados, as mulheres se destacam como as que mais desenvolveram estudos com o tema, mas é interessante observar que o peso quantitativo das mulheres está na produção das dissertações enquanto que a quantidade de pesquisadores homens é maior dentre as teses de doutorado.

Desse modo, das 14 dissertações escritas por mulheres, nove foram defendidas entre os anos de 2004 e 2013, o que possibilitaria que até 2019 estas mulheres tivessem avançado para o doutorado e defendido suas teses, o que não foi identificado nos dados coletados. Assim sendo, questiona-se: estas mulheres prosseguiram para o doutorado? Se prosseguiram, mudaram o tema de pesquisa? Se não prosseguiram, quais foram os obstáculos? Essas pesquisadoras atuam no meio acadêmico? Quais os cursos em que atuam? Seguiram pesquisando e publicando outros trabalhos sobre a temática?

Para fins de pesquisas futuras e, com base nas reflexões que foram geradas, sugere-se analisar as linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação que já desenvolveram estudos sobre a temática, assim como, a influência da formação dos orientadores que atuam nos programas de pós-graduação *stricto sensu* analisados e suas publicações acerca da temática, além de possíveis projetos e parcerias entre instituições que envolvam estudos sobre o turismo nas comunidades indígenas e sobre as palavras-chave selecionadas nesta pesquisa.

Este estudo não pretende ser finalístico, mas, com ele, intencionou-se dar os passos iniciais para caracterizar o cenário de pesquisas sobre o turismo em comunidades indígenas na pós-graduação *stricto sensu*, todavia, os questionamentos apresentados nos parágrafos acima, apontam novas frentes de investigação que permitirão o aprofundamento de análises e conduzirão a compreensão pormenorizada do panorama das pesquisas que tratam sobre o tema.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. N.; BARBIERI, J. C.; REYES JUNIOR, E.; MOURA, J. C. Análise da produção científica internacional sobre turismo indígena de 1990 a 2013: um estudo bibliométrico e proposição de uma agenda de pesquisa. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 12, p. 673-684, 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural**: orientações básicas. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. **Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial Indígena**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7747.htm. Acesso em 29 jun. 2023.

BRASIL. Fundação Nacional do Índio. **Instrução Normativa Nº3**. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/ascom/2015/doc/jun-06/in-03-2015.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Indígenas**. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/downloads.html>. Acesso em 29 jun. 2023.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Dados das Teses e Dissertações da Pós- Graduação 2017 a 2020**. Disponível em: https://metadados.capes.gov.br/index.php/catalog/227/data_dictionary. Acesso em 29 jun. 2023.

FARIA, I. F. Ecoturismo: etnodesenvolvimento e inclusão social no Amazonas. **Revista Pasos**, v. 3, p. 63-77, 2005.

FARIA, I. F. **Ecoturismo Indígena Território, Sustentabilidade, Multiculturalismo**: princípios para a autonomia. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Universidade de São Paulo, 2008.

FARIA, I. F. **Ecoturismo indígena**: território, sustentabilidade e multiculturalismo. São Paulo: Annablume, 2012.

FAXINA, F.; FREITAS, L. B. A. Análise de implantação do turismo de base comunitária em Terra Caída, Sergipe, Brasil. **Turismo Visão e Ação**, v. 23, n. 1, p. 242-262, 2021.

FRATUCCI, A. C. Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico. **GEOgraphia**, (4), p. 121-133, 2000.

FREITAS, M. P. de. **Autoarquivamento e representação de assunto**: estudo

analítico de teses e dissertações do Repositório Institucional da UFSCar. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GONZÁLES, M. M. ¿Etnoturismo o turismo indígena?. **Teoría e Práxis**, v. 5, p. 123-136, 2008.

GRÜNEWALD, R. de A. **Os índios do Descobrimento: tradição e turismo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

HINCH, T.; LEW, A.; HALL, M.; WILLIAMS, A. Os indígenas e o turismo. In: LEW, A. A.; HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M. **Compêndio de turismo**. Instituto Piaget: Lisboa, 2007.

JESUS, D. L. de. **A (re)tradicionalização dos territórios indígenas pelo turismo: um estudo comparativo entre os Kadiwéu (Mato Grosso do Sul-BR) e Māori (Ilha Norte-NZ)**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, 2012.

KNAFOU, R. Turismo e território. Para um enfoque científico do turismo. In: Rodrigues, A. B. **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3.ed. São Paulo: Huncitec, 2001.

LEANDRO, E. L. **Ecoturismo indígena e gestão territorial, contribuições participativas da Terra Indígena Paiterey Karah (Sete de Setembro)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Rondônia, 2011.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003.

LI, J.; XU, Y. Author analyses of tourism research in the past thirty years—Based on ATR, JTR and TM. **Tourism Management Perspectives**, v.13, p.1-6, 2015.

MARANHÃO, C. H. da S.; AZEVEDO, F. F. de. O fomento ao conhecimento em turismo: uma análise da representatividade da temática do turismo para os estudos (teses e dissertações) da pós-graduação stricto sensu em Geografia no Brasil. **Caderno Virtual do Turismo**, v. 19, n.1, p. 1-13, 2019.

MEDEIROS, G. M. de. **Organização da informação em repositórios digitais: implicações do auto-arquivamento na representação da informação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

MELIÀ, B. S. J. Memória, história e futuro dos povos indígenas. In: Chamorro, G.;

Combès, I. (2015). **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul**: história cultura e transformações sociais. Dourados: Editora UFGD, 2015.

MOMM, C. F. **Conhecimento científico e território**: as dimensões espaciais dos Encontros Nacionais da ANPUR no Brasil, 1986-2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Regional de Blumenau, 2017.

PIMENTEL, T. D.; PIMENTEL, M. P. C.; CARVALHO, F. C. Sociologia da educação: uma análise da oferta educacional de pós-graduação em turismo na Argentina, Brasil e México, a partir da Sociologia do Conhecimento. **Rosa dos Ventos**, v.12, p.926-964, 2020.

PROENÇA, A. R. G. B; PANOSSO NETO, A. Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança “Pisasú Sarusawa” (Rio Cuieiras - Amazonas). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. 1-22, 2022.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ROSA, P. C.; ROSA, L. M. V.; NASSAR, P. M. (2020). Turismo Indígena, Protagonismo e Desenvolvimento Local: experiência na terra indígena Jaquiri, Médio Solimões, AM. **Revista Turismo em Análise**, v. 31, n. 2, p. 381-399, 2020.

SANTOS, D. M. A. dos; CARVALHO, J. M de; DOS ANJOS, F. A. Turismo Étnico Indígena no Amazonas: Mitos e Territórios que Contam Histórias. **Rosa dos Ventos**, v. 13, n. 3, p. 901-917, 2021.

SANTOS, K. M. S.; SOUSA, R; E. M. de. Turismo em comunidades indígenas: levantamento de pesquisas realizadas nesse campo de estudos entre os anos de 1999 a 2019. **Revista Turismo e Sociedade**, v. 15, n. 2. p. 261-281, 2022.

SURTEGARAY, D. M. Pesquisa de campo em geografia. **Geographia**, v. 7, p. 4, 2002.

SOUZA, K. R.; KERBAUY, M.T.M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, v. 31, n. 61, p. 21-44, 2017.

WAINBERG, J. A. O movimento turístico? olhadelas e suspiros em busca da singularidade alheia. In: Gastal, S., & Castrogiovanni, A. C. (Orgs.). **Turismo na pós-modernidade**: (des)inquietações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Recebido em: 04-07-2023.

Aprovado em: 17-05-2024.

TS

